



O campesinato como modo de vida: a produção camponesa no povoado Serrote Grande, Craíbas/AL

Lívia Thaysa Santos de Albuquerque Gama¹; Cirlene Jeane Santos e Santos²

Página | 267

¹Graduando Geografia Licenciatura modalidade à distância pela Universidade Federal de Alagoas/Universidade Aberta do Brasil (UFAL/UAB). E-mail: liviathaysa@bol.com.br.

²Professora Doutora, vinculada ao Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente (IGDEMA/UFAL) e Coordenadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas territoriais (NUAGRARIO). E-mail: cirlene@igdema.ufal.br.

RESUMO: O presente artigo tem como tema central, "O Campesinato como modo de vida: Análise da Produção camponesa no Povoado Serrote Grande, Craíbas/AL". Nesse sentido, apresenta como se dá o modo de vida dos camponeses residentes na comunidade e as relações de produção construídas. São apresentados os elementos estruturais que balizam a existência do campesinato, assim como a discussão relacionada à subordinação desse modo de vida ao capital. Os objetivos pautam-se na análise em como se dá a produção camponesa, a organização do espaço geográfico e as relações de produção estabelecidas no povoado Serrote Grande, levando em consideração o modo de vida camponês existente na comunidade. A pesquisa realizou-se a partir do levantamento bibliográfico relativo à temática proposta, visita técnica exploratória de campo e construção de acervo iconográfico. Portanto, foram utilizados procedimentos práticos e teóricos, com a finalidade de obter dados para o embasamento da pesquisa aqui apresentada.

PALAVRAS-CHAVE: Campesinato. Produção camponesa. Relações de produção.

ABSTRACT: This article has as its central theme, "The Peasantry as a way of life: Analysis of peasant production in the Povoado Serrote Grande, Craíbas/AL". In this sense, it presents how the way of life of the peasants residing in the community and the relations of production are constructed. It presents the structural elements that mark the existence of the peasantry, as well as the discussion related to the subordination of this way of life to capital. The objectives are based on the analysis of how peasant production, the organization of geographic space and the production relations established in Serrote Grande village, taking into account the peasant way of life in the community. The research was carried out from the bibliographical survey on the proposed theme, technical exploratory field visit and the construction of an iconographic collection. Therefore, practical and theoretical procedures were used in order to obtain data for the basis of the research presented here.

KEYWORD: Peasantry. Peasant production. Production relations.

INTRODUÇÃO

O tema está relacionado à análise do espaço agrário, tratando especificamente do campesinato como modo de vida e produção do povoado Serrote Grande, ver figura 1. Nesse sentido, analisar a produção e organização do espaço geográfico desta comunidade é de grande relevância, por apresentar as especificidades da produção camponesa, bem como o comportamento dos camponeses, sendo este um dos fatores que definem como estes se inserem na sociedade.

Página | 268

Portanto, o camponês é o sujeito que vive e trabalha no campo, cuja produção é marcada pela força de trabalho familiar, trabalho acessório/assalariado, ajuda mútua, parceria, propriedade da terra, propriedade dos meios de produção, socialização do camponês e autonomia sobre a jornada de trabalho¹ (OLIVEIRA, 2007; SANTOS, 1981). Diante disso, o povoado em questão, apresenta características compatíveis aos elementos estruturais que caracterizam o campesinato, estes discutidos por Oliveira (2007), apresentando-se, portanto, como uma comunidade campesina.



Fig.1. Entrada do Povoado Serrote Grande.

Fonte: Acervo pessoal (2015).

O estudo em questão será realizado em um município localizado no interior do estado de Alagoas, Craíbas, situado no agreste alagoano. A pesquisa terá como referência o povoado Serrote Grande, que localiza-se na zona rural, contando com o número aproximado de 148 famílias, segundo a pesquisa exploratória realizada. O nome do povoado, “Serrote Grande”, possivelmente foi dado em virtude de haver na

¹ O trabalho acessório realizado pelo camponês está relacionado aos períodos que o mesmo tem que sair de sua terra para trabalhar nas terras de outros ou em atividades não agrícolas – proletarizando-se ocasionalmente –, como forma de obter rendimentos extras. Assim, este garante o sustento da família e a manutenção das suas terras.

comunidade um pequeno morro, de aproximadamente 50 metros de altitude em relação à cidade, chamado “Serrinha do Serrote”, que pode ser observado a partir da figura 2, classificando esta localidade como o ponto mais alto do município. O povoado supracitado fica a aproximadamente 5 km do centro urbano da cidade de Craíbas.



Fig.2. Vista da “Serrinha do Serrote” Povoado Serrote Grande.

Fonte: Acervo pessoal (2015).

O modo de vida camponês está intimamente ligado à relação entre o camponês e a terra. O uso do trabalho camponês segundo Abramovay (1998, p. 61) “[...] é limitado pelo objetivo fundamental de satisfazer as necessidades familiares”. Assim, compreende-se que o campesinato está relacionado à vida simples do homem do campo. Segundo Santos (1981, p. 110) “a produção camponesa define-se pela presença de trabalho familiar, coordenando-se as atividades de todos os membros da família em um trabalhador coletivo. Caracteriza-se ainda pela apropriação dos instrumentos de trabalho”.

Embora o modo de vida camponês configure-se como um debate controverso, se faz necessário compreender suas interfaces e principalmente sua importância no campo da Geografia e para a sociedade. Entretanto, é cabível salientar que o tema a ser desenvolvido nesse estudo, não trata apenas de apresentar o campesinato, mas de tentar caracterizar esse modo de vida camponês, considerando que este representa na contemporaneidade um seguimento tradicional, com um forte conteúdo político de enfrentamento a territorialização do capitalismo no campo brasileiro.

Assim é analisado, como se dá a produção camponesa, seja ela para comercialização ou para o autoconsumo no povoado Serrote Grande, levando ainda em consideração, as relações de produção que são estabelecidas entre os camponeses da

comunidade com os camponeses da região. Além desses fatores, é abordado como ocorre à complementação de renda do camponês, em relação ao processo de circulação da produção, ou seja, a partir das diferentes formas de comercialização.

Discutir sobre o campesinato na contemporaneidade é de suma importância, pois este se apresenta como o modo de vida e produção do homem do campo. Desta forma, entender sua história e particularidades é uma necessidade, tendo em vista o cenário atual no qual a globalização acelera cada vez mais os processos industriais através da tecnologia, objetivando a produção em larga escala, em contrapartida, o camponês continua a produzir com técnicas simples visando à manutenção da família, resistindo no enfrentamento ao capitalismo.

Embora existam muitos trabalhos que versem sobre o campesinato, esta pode ser considerada uma temática promissora e relevante, haja vista tratar-se de um tema sempre atual e dotado de especificidades. Nesse sentido, essa pesquisa não versa sobre algo inédito, porém, busca explorar as características particulares do modo de vida dos camponeses do povoado Serrote Grande, que trazem consigo a identidade própria desses.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Esta pesquisa torna-se importante na medida em que passa a discutir a vida do trabalhador rural defendida através do campesinato como modo de vida e produção. Nesse sentido, evidencia-se a grande relevância do levantamento de questões pertinentes à vida no campo, principalmente sobre a resistência dos camponeses e a relação existente entre o camponês e a terra.

A pesquisa teve início em 2015 com os primeiros olhares para a comunidade, a fim de tentar compreender como se dava a produção e organização do espaço do povoado, levando em consideração a produção agrícola, bem como as relações de produção e trabalho estabelecidas pelos camponeses do Povoado Serrote Grande, Craíbas/AL.

A realização desse estudo ocorreu por meio de pesquisa de campo de caráter qualitativo, com abordagem exploratória, agregado a revisão de literatura, a partir de livros e artigos científicos, de autorias diversas, relacionadas à temática, com o objetivo de obter aporte teórico para embasamento da pesquisa, bem como dados necessários para a redação final do estudo.

Dessa forma, a estratégia metodológica utilizada para a investigação referente à pesquisa pautou-se em levantamento bibliográfico sobre o tema, visita exploratória de campo e construção de um acervo iconográfico.

Portanto, foram realizadas ao longo da pesquisa procedimentos práticos e teóricos que foram sistematizados em etapas, a saber: levantamento bibliográfico; visita técnica exploratória na comunidade em que o estudo realizou-se, objetivando conhecer o espaço, observando como o mesmo é produzido, a fim de compreender analiticamente o modo de vida próprio da comunidade; pesquisa de campo desenvolvida na área de estudo, Povoado Serrote Grande; organização e tabulação dos dados coletados; resultando na redação final desse artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – Uma breve discussão sobre o Campesinato

Entende-se que o desenvolvimento do capitalismo no Brasil é desigual e contraditório, admitindo a reprodução de relações de produção não-capitalistas como a produção familiar camponesa, sendo essa relação criada e recriada na lógica estrutural de desenvolvimento do capitalismo (OLIVEIRA, 2007). Logo, o campesinato é considerado um tema amplo, por conter em si um debate que envolve o processo conflituoso de territorialização do capital no campo, com a globalização dos mercados e produção capitalista voltada à produção de *commodities* para o mercado externo.

Portanto, torna-se difícil associar o campesinato como um modo de produção, tendo em vista que no campo, o trabalhador camponês utiliza-se de técnicas rudimentares, dotadas de pouca tecnologia, frente às inovações tecnológicas, que aceleram o ritmo da produção do agronegócio. Considerando ainda, que a monopolização do território é caracterizada pela produção camponesa, e se apresenta quando o capital monopolista não se territorializa diretamente na produção agrícola camponesa, mas controla o território e subordina a renda camponesa, incluindo a parcela correspondente à renda da terra (OLIVEIRA, 1999). Nesta conjuntura que são criadas e recriadas as condições para a reprodução do campesinato.

O Campesinato pode ser configurado como o modo de vida, sendo que este está relacionado com a forma que o trabalhador rural estabelece relação com a terra, ou seja, existe um sentimento de pertencimento, afetividade e também de comunicação entre o trabalhador camponês e a terra, o que o faz criar vínculos significativos com a mesma, pois é através dela que o camponês produz e vive com sua família. Deste modo, são esses

fatores que o fazem não querer se desapegar, ou mesmo mudar de vida, pois aquela realidade camponesa é a que ele se identifica e pertence. Segundo ROSA (2012, P. 106):

O camponês ao se relacionar com a terra cria vínculos que jamais, mesmo na distância, podem ser desintegrados, pois é o modo de vida. Já aqueles que veem na terra apenas elementos de especulação e de lucro, ou aqueles que não tiveram essa experiência de vida, nunca compreenderão essa vivência do camponês, o seu modo de vida.

Para que se possa conhecer o modo de vida camponês, é necessário realizar estudos aprofundados e mesmo conhecer na prática a realidade vivenciada pela comunidade camponesa, sobretudo a sua cultura de resistência e tradição. Sobre o comportamento camponês, Abramovay (1998, p. 60) ressalta,

Não é o estudo de sua inserção na divisão de trabalho e o papel que eles desempenham que explicam o comportamento camponês [...] mas pelo estudo de seu comportamento que se pode compreender a maneira como ele [...] se insere socialmente.

Compreende-se que a existência do campesinato é resultado de muita resistência e luta, seja pela terra ou sobrevivência. Entretanto, sobre a formação do campesinato brasileiro, muitos desafios foram enfrentados, como por exemplo, o acesso a terras, que ficou cada vez mais difícil a partir da lei de terras em 1950, pois só poderia ter acesso a ela, mediante pagamento em dinheiro, como ressalta Bombardi (2004, p. 63)

A lei de terras surge como um marco na história agrária do Brasil, pois curiosamente uma lei com esse nome teve a função justamente de impedir o acesso a terra. Ou seja, a história do campesinato brasileiro é marcada pela sempre presente tentativa de bloqueio de seu livre acesso a terra. [...] nosso campesinato, então, formou-se por posseiros distantes, no tempo e no espaço, da nova legislação – por moradores de condição, por ex-colonos que conseguiram adquirir terras e aqueles que lutaram para nela ficar.

Desse modo, é possível compreender como se deu o processo contraditório do capitalismo quando se estabeleceu no campo, fazendo com que os camponeses ficassem cada vez mais impossibilitados de ter acesso livre a terra, se fazendo necessário, portanto, que os mesmos travassem diversas lutas para ter acesso a terra, na qual pudesse estabelecer moradia com sua família, tendo autonomia sobre os meios de produção e trabalho.

Caracterização do campesinato como modo de vida e produção

O campesinato possui características universais e particulares, agregando os elementos estruturais que fazem parte da sua cultura de resistência e luta. Nas unidades camponesas é possível perceber que o vínculo estabelecido entre os negócios do campo e a família não se separam, são indissociáveis, bem como o uso intensivo do trabalho familiar, a tradição no que se refere à organização social, organização patriarcal – nos trabalhos exploratórios de campo, percebeu-se que as famílias da comunidade são chefiadas por homens, além da venda de produtos por um preço abaixo ao do mercado.

Página | 273

Além dessas características marcantes no modo de vida camponês, é comum ver o sistema de troca, parceria, a reciprocidade e também questões intimamente ligadas à religiosidade na realidade camponesa. Conforme afirma Bombardi, “a vida familiar no sítio é, por outro lado, marcada por um contato estreito entre seus membros: a generosidade e a troca de favores de todo o tipo entre todos do sítio é muito frequente”. (2004, p. 218).



Fig. 3. Trabalho familiar - Processo de “destalação” (tirar o talo) do Fumo.

Fonte: Acervo pessoal (2015).

O modo de vida camponês estrutura-se, por conseguinte, baseado no trabalho familiar, todo o trabalho realizado no campo é desenvolvido pela família, como pode ser visto nas figuras 3 e 4. No entanto, este modo de vida permite contar com a ajuda mútua entre vizinhos, fator que o caracteriza como sistema também de parceria. No Campesinato, o trabalho acessório pode ser entendido como o processo no qual o camponês migra temporariamente de sua terra para outra, visando vender sua força de trabalho ao capital, como afirma Bombardi, (2004, p. 269) “é muito comum também no

campesinato, que um dos membros da família migre ou se assalarie, de tal forma que a família possa se reproduzir na terra”.



Fig. 4. Trabalho familiar - Processo de “destalação” (tirar o talo) do Fumo.

Fonte: Acervo pessoal (2015).

Muitos são os elementos estruturais que caracterizam o campesinato, além dos que já foram comentados, podemos citar a jornada de trabalho livre, autonomia que lhe possibilita realizar ajustes referentes aos seus horários de trabalho, sendo o camponês dono do seu tempo e espaço.

No campesinato, “a sobrevivência é o limite para a produção camponesa no campo.” (OLIVEIRA, 2007, p. 40). Contudo, também relacionado com a afirmação de Oliveira, Abramovay (1998, p. 61), complementa “o uso do trabalho camponês é limitado pelo objetivo fundamental de satisfazer as necessidades familiares”.

Todavia, o trabalho do camponês é determinado por ele próprio, em razão da autonomia que lhe permite estabelecer o próprio tempo/espaço e ritmo de trabalho. Segundo Bombardi (2004, p. 202), “o tempo de trabalho nas unidades camponesas, é determinado por dois fatores: o primeiro é a necessidade da família, e o segundo é a natureza, seja ritmo cósmico, seja pelo ciclo dos cultivos”.

Contudo, diante do que a autora cita, o tempo de trabalho no modo de vida camponês, depende de alguns fatores, a exemplo do clima, vegetação, solo, que por sua vez são elementos naturais. Assim, entende-se que pelo fato de cada região ser diferente uma da outra e mesmo os tipos de produção ser distintos, isso exige tempo de cultivo diferenciado, permitindo ao camponês trabalhar em diferentes períodos durante o ano.

Ainda sobre o trabalho para o camponês, Bombardi (2004, p. 270), acrescenta que o mesmo “[...] é mesclado com outras instâncias da vida, não é um fim em si mesmo e não está concebido para a extração de lucro. Está fundamentado na reprodução da vida”. Portanto, os sendo eles mesmos quem estabelece as relações de trabalho e produção existentes entre eles, sendo o trabalho inserido neste modo de vida, em meio às demais atividades familiares, visto como meio necessário para a sobrevivência, não sendo, portanto, baseado na obtenção de lucro. Conforme Martins (1980, p. 60) “quando o capital se apropria da terra, esta se transforma em terra de negócio, em terra de exploração do trabalho alheio, quando o trabalhador se apossa da terra, ela se transforma em terra de trabalho”.

A Subordinação do Campesinato ao Capital

É sabido que o sistema capitalista é perverso e contraditório e o campesinato sob o jugo desse sistema é explorado, através da sujeição de renda, por esse razão subordinado ao capital. Logo,

A renda da terra camponesa é “sugada” nas duas pontas do processo de trabalho: a primeira delas é através da aquisição de insumos, ferramentas, equipamentos e embalagens, e a segunda ponta é aquela das formas de comercialização. Na primeira etapa, a renda da terra camponesa é apropriada pelo capital industrial. E na segunda, pelo capital comercial. (BOMBARDI, 2004, p. 253).

O processo de sujeição da renda da terra ao capital ocorre mediante o pagamento pelo seu uso ao proprietário, sendo o pagamento realizado tanto através de dinheiro, quanto por mercadoria, ou seja, como parte da produção. Esse processo de subordinação da renda pelo qual o camponês é submetido faz com que ele seja e permaneça submisso e explorado pelo capital. “Essa exploração não se dá de forma direta, não se trata de assalariamento e nem, portanto, de extração de mais-valia. O que ocorre é uma sujeição de sua renda ao capital, o que lhe permite alguma maleabilidade para lidar nessa relação”. (BOMBARDI, 2004, P. 54).

No entanto, o camponês tenta de muitas maneiras transformar essa dominação e subordinação do capitalismo através de atividades extras e da troca de produção, que é possível devido a autonomia que ele possui. Sobre a produção camponesa do Povoado

Serrote Grande, foi possível durante a visita exploratória observar o que se produz na comunidade, que pode ser visto a partir das figuras 5 e 6.



Fig.5 . Produção agrícola (Fumicultura).

Fonte: Acervo pessoal (2015).



Fig. 6. Agricultura para autoconsumo (mandioca; feijão; batata - doce; milho).

Fonte: Acervo pessoal (2015).

Segundo Oliveira (2007, p. 36): “as relações de produção devem ser entendidas como o conjunto das relações que se estabelecem entre os homens em sociedades determinada, no processo de produção das condições materiais de sua existência”. Nesse sentido o modo de produção camponês, está relacionado à pequena produção mercantil, na qual parte da produção é comercializada, o excedente, e a outra é consumida pela família. De acordo com Oliveira (1997, p. 51) “na pequena propriedade camponesa uma parte da produção agrícola entra primeiro e fundamentalmente no consumo do produtor, do camponês, como meio de subsistência imediato, e a outra parte, o excedente, é

comercializado sob a forma de mercadoria”. Sendo que, neste modelo de produção agrícola a força de trabalho e recursos, como a terra, água, sementes, animais, etc., não entram no processo de trabalho como mercadorias. (PLOEG, 2006, p. 18-19).

CONCLUSÃO

Este artigo teve por finalidade destacar o campesinato como modo de vida e produção do Povoado Serrote Grande, localizado na zona rural do município de Craíbas, AL, bem como analisar como se dá a produção do espaço geográfico da localidade, levando em consideração a cultura, tradição e resistência da comunidade. Nesse sentido, ficou evidenciado a importância do modo de vida camponês para o campo da Geografia, assim como para a sociedade.

No decorrer do texto, foi possível apresentar as características e elementos estruturais do campesinato, evidenciando a autonomia que é dada ao camponês, o que lhe permite dispor da terra, bem como dos meios de produção. No campesinato, o trabalho é de ordem familiar, baseado principalmente nas necessidades da família, objetivando a sobrevivência, não estando, portanto, relacionado primordialmente a obtenção de lucro.

Através da pesquisa de campo, analisou-se a identidade camponesa do povoado em questão, por meio da observação do modo de vida e das relações estabelecidas entre os camponeses, ficando evidente o sentimento de pertencimento entre o camponês e a terra, que a vê como a terra de trabalho que lhe garante a sobrevivência.

Portanto, a discussão posta nesse artigo é considerada essencial, pelo fato do campesinato se apresentar como um tema atual, dotado de especificidades, fazendo com que cada estudo realizado trate de algo particular, ou seja, de uma realidade diferenciada, tornando cada estudo único.

REFERÊNCIAS

1. ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. Ed. Hucitec. 2 ed. São Paulo. Campinas, 1998.
2. BOMBARDI, Larissa Mies. **O Bairro reforma agrária e o processo de territorialização camponesa**. São Paulo: Annablume, 2004.
3. COSTA, Marisa Vorraber. Uma Agenda para Jovens Pesquisadores. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos Investigativos II: Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.
4. MARTINS, José de Souza. **Expropriação e violência: A questão política no campo**. Hucitec, São Paulo, 1980.
5. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A agricultura camponesa no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1997.
6. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007.
7. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A Geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo, Contexto, 1999. (p. 63-110)
8. PLOEG, Jan Douwe Vander. **O modo de produção camponês revisitado**. Disponível em:
<http://www.jandouwevanderploeg.com/PORT/doc/diversidade_O_modos_de_prod.pdf> Acesso em: 28 de Abril de 2017.
9. ROSA, Wagner José. O campesinato como modo de vida. In: **Revista Trilhas da História**. Três lagoas, v. 1, n. 2 Jan-Jun. 2012. p. 98-107.
10. SANTOS, José Vicente Tavares dos. **A Reprodução subordinada do Campesinato**. In: Ensaio FEE, Porto Alegre, 2 (2): 109 – 117, 1981.
11. SILVA, Arlete Mendes da; INÁCIO, Jaqueline Barros. Modo de vida camponês na contemporaneidade. In: **XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária**. UFU. 2012.